

A CASA: ARQUITETURA DO AFETO, UMA EXPERIÊNCIA HUMANA

Francisca Joelma Gonçalves Lima¹

Rosa Matilde Pimpão Carlos²

Resumo

Este artigo tem como objetivo tratar da arquitetura e do encantamento possível de ser vivenciado, percorrendo sobre o ato de caminhar pela cidade de São Paulo e pelos lugares que proporcionam afeto e identidade para as pessoas. Busca-se, a partir do caminhar na cidade, oferecer às pessoas, no meio do turbilhão de sons e acontecimentos, um instante de silêncio e vivência, no lugar para onde elas sempre voltam em busca do refúgio e do aconchego: o lar. Utilizou-se como procedimento básico a montagem de uma câmara escura, princípio da fotografia, em algum aposento nas residências de familiares, como referência à linguagem artística que é elemento fundamental na própria história da autora: a fotografia. Como resultado o artigo traz discussões sobre afeto, encontros, o ato de caminhar, o som e o silêncio na cidade grande, a poesia das arquiteturas e o encantamento passível de ser vivenciado.

Palavras-chave: Casa. Arquitetura. Câmara escura. *Pinhole*. Encantamento.

Abstract

This article aims to deal with architecture and the enchantment that can be experienced, discussing the act of walking through the city of São Paulo and the places that provide people with affection and identity. From walking in the city, we seek to offer people, in the midst of the whirlwind of sounds and events, an instant of silence and experience, in the place where they always return in search of refuge and warmth: home. As a basic procedure, the assembly of a camera obscura, the principle of photography, was used in a room in the homes of family members, as a reference to the artistic language that is a fundamental element in the author's own history: photography. As a result, the article brings discussions about affection, encounters, the act of walking, the sound and silence in the big city, the poetry of architecture and the enchantment that can be experienced.

Keywords: House; Architecture; Dark chamber; Pinhole. Enchantment.

¹ Mestra em Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Arte, pela UNESP SP no programa PROFARTES título da dissertação Leitura e criação de imagem: encantamento e identidade. Pós-graduada em Fotografia: Reflexões e Práticas Contemporâneas, pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Desde 2016 compõe o quadro de professores de Arte na rede Municipal de Suzano, São Paulo, onde atualmente é supervisora da pasta de Arte e responsável pela formação continuada dos(as) professores(as) da rede.

² Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté (2014). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2005), graduação em Direito pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (1988). É, também, professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design e Fotografia. Tem experiência como fotógrafa de Arquitetura, Natureza e Fotojornalismo.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

INTRODUÇÃO

A partir de experiências sensíveis e de encontros significativos com pessoas e seus lares, nos interessa refletir sobre lugares de afeto, tendo como ponto de partida o ambiente das casas, considerando como a observação de dentro de uma câmara escura, montada em algum ambiente da residência, se abre para o espaço de fora e como a cidade invade não apenas o interior desses lugares, mas tudo que está contido neles, inclusive as pessoas. São varais, prédios, montanhas e tudo que circunda esses lares e que implica diretamente na identidade de seus moradores e no seu pertencimento.

As imagens poéticas que se formam dentro das casas, através de um pequeno furo que ressignifica uma janela, trazem outra realidade, menos concreta, mais lúdica e encantadora, transportando as pessoas que observam para um lugar dentro deste recinto que é o espaço do assombro. Mas podemos nos perguntar: como ter um encontro encantado com o lugar cotidiano e sua arquitetura?

Normalmente, percebemos a cadeira como um objeto para sentar ou o céu escuro como um sinal de chuva; mas o olhar estético se dá quando estas respostas ficam em suspenso e observamos o desenho da cadeira ou a cor surpreendente do céu. Isso quer dizer que nos surpreendem e provocam um olhar diferente do que temos no trato cotidiano com as coisas. É também uma atitude de espanto que nos comove e solicita nossa capacidade de resposta (ARROYABE, 2018, p. 39).

Assim, o presente artigo surgiu da realização de um projeto e tem como objetivo geral pensar a arquitetura e a experiência que ela permite, e como objetivos específicos: (a) reconhecer a poética que existe no lugar; (b) reconhecer a possibilidade do encantamento enquanto paixão, levando em conta a fenomenologia da imaginação.

O projeto foi construído a partir de um recorte sobre os lugares de afeto da autora, percorridos na cidade de São Paulo durante a pandemia de Covid-19 e após esse período, fazendo um levantamento poético da arquitetura desses lugares a partir da observação de uma câmara escura, princípio da fotografia, que foi devidamente instalada nas residências de pessoas em diversas partes da cidade.

Foi observada a experiência sensível vivida por esses indivíduos a partir do contato com a magia das figuras que se formaram dentro da sua própria casa, enquanto o espaço de fora, de maneira agigantada, se aglutinou ao espaço de dentro e vice-versa.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

Trazer a grandiosidade do espaço exterior para o espaço interior das casas é a peça-chave para o desenrolar deste artigo. O impacto desse mergulho e a experiência vivida nesse lugar onde constantemente travamos as maiores batalhas particulares, e onde nos sentimos acolhidos, é o que nos interessa discutir. E sobre esse mergulho nas sensações, Tuan (1983, p. 9) nos explica que:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

É importante compreender que, a partir do encantamento – do espanto causado diante de algo novo – talvez seja possível modificar a relação das pessoas com a arquitetura da cidade e com o espaço em que estão inseridas enquanto cidadãs, fazendo-as constatar que também fazem parte desse corpo da arquitetura, e que modificam as configurações da cidade quando se movimentam dentro dela e carregam consigo as particularidades de suas identidades, o que pode ressignificar os espaços urbanos.

A CAMINHO DO ENCANTAMENTO

O meu olhar é nítido como um girassol.
O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

(Alberto Caeiro, 1946)

Esse andar de que fala Caeiro é o ponto de partida para falarmos sobre encantamento, esse caminhar, onde os olhos ganham uma roupa estrangeira, e de onde as coisas passam a ser novas. Assim como num espelho, em que ao mergulharmos também somos um “outro”, e como



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

numa ciranda, onde a cada momento estamos no lugar deste outro, renascendo para essa eterna novidade do mundo, caminhar na cidade é atravessar as fronteiras invisíveis do conhecimento e abrir possibilidades para um diálogo entre o corpo e o espaço urbano, fazendo com que ambos sejam um só e forjando esse encontro simultâneo entre lugar e espaço.

Encantamento, no dicionário: sensação de deslumbramento, admiração, grande prazer que se tem como reação a alguma boa qualidade do que se vê, ouve, percebe. Encantar-se é movimentar o ser que existe em nós, é esbarrar no ineditismo vital e, diante do susto momentâneo, ter por alguns segundos o mundo cotidiano em suspenso. Vou contar algo sobre isso: tive a alegria de ministrar uma oficina de fotografia para a EJA em Suzano. Um dia, vi um homem de 76 anos encantar-se com uma câmara escura construída por ele, com suas grandes mãos de pedreiro. Quando tudo o que ele queria era aprender a ler, eu o vi, por mais de vinte minutos, extasiado com as imagens dentro da caixa e em silêncio, parado no mesmo lugar, enquanto voltava para algum lugar que eu nunca vou conseguir saber qual era. Quando ele finalmente retirou o rosto da câmara escura, eu soube do encantamento nos olhos úmidos de mar e sonho. Esta experiência tinha se tornado, naquele instante, o seu lugar de afeto.

Figura 1 – Sr. Antônio em aula de construção de câmara escura



Fonte: EJA, 2022. Matheus do Val.

Ao percorrer a cidade em busca destes lugares de encontro e afeto, pessoas diversas abriram sua intimidade e se colocaram à disposição com o corpo todo e, sem saber o que lhes estava reservado, se depararam com um novo modo de ver o que lhes era habitual. E, no meio

do silêncio de um quarto escuro, talvez tenham sido levadas a reconhecer as fragilidades e os laços que fazem destes locais seus lugares no mundo.

Ao me deslocar pela cidade no rastro destes encantamentos, meu olhar foi modificado pela poesia dos encontros com os bairros, em que tudo me trazia uma ideia nova. Vagando pelas ruas cheias de pessoas, sons, cores, pelas casas às quais fui convidada a entrar e que me acolheram como um abraço, me senti como um riscador que desenha possibilidades numa folha enquanto sonha a imagem completa. Caminhando eu escrevi na pele da cidade, e na minha pele ficaram gravadas todas as paisagens sonoras e simbólicas, como um pacto de amor entre mim e a metrópole. Sobre o ato de caminhar na cidade, Careri (2013, p. 40) argumenta que: “Com efeito, é possível que tenha sido antes o nomadismo - e mais exatamente a errância - que deu vida à arquitetura, ao fazer com que surgisse a necessidade da construção simbólica da paisagem”.

Dessa maneira, relacionar-se com a cidade e sua arquitetura também é construir identidade, movimentar afetos, desafiar os medos, de maneira que se possa construir outras realidades possíveis e ter a experiência do espaço vivido fundamentada no nosso dia a dia. Careri (2013) afirma, ao citar Ivan (1953), que: “Arquitetura é o meio mais simples de articular o tempo e o espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar”.

Realidade e sonho são partes importantes quando habitamos um lugar. Habitar, segundo Bachelard (1993), é um modo de alguém se relacionar com o mundo, e, nesse sentido, a arquitetura, quando pensa os espaços e redesenha fórmulas sobre o exterior e o interior, torna-se corresponsável pelo encantamento e bem-estar de pessoas que farão deste espaço um lugar de afeto, ao mesmo tempo em que o morador poderá moldar essa arquitetura, dando-lhe características particulares vindas de sua cultura e de suas ideias sobre o belo, o confortável, o afetuosos. Sendo assim, a arquitetura ganha o status de algo feito e finalizado de maneira compartilhada e/ou colaborativa.

Esse morar, residir, ocupar nos dá, em determinado momento, o lugar onde construímos nossos afetos, onde as memórias importantes serão fixadas. Então, é possível pensar que arquitetura e poesia deveriam caminhar aliadas no sentido de provocar esse encantamento cotidiano, ao mesmo tempo em que poderiam forjar um refúgio que nos devolve uma primitividade de “bicho feliz”, porque nos faz sentir protegidos.

A arquitetura, desde sempre, consegue nos tirar o fôlego com a magnitude de algumas



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

criações. Vejamos as pirâmides, as catedrais góticas, Niemeyer e as curvas que elaborou tão lindamente, vãos que se abrem para que o particular participe do público e vice-versa, tantos exemplos de como ser impactado por algo que está no meio do caminho.

É válido lembrar que é bonito visitar uma cidade pequena e observar suas pequenas casas coloridas tomando conta das ruas estreitas. Logo nos sentimos envolvidos por uma atmosfera poética. É quase como se apaixonar: você fica por instantes tentando descobrir coisas a respeito daquelas casas e fantasiando se um dia pudesse morar em uma delas, com suas janelas coloridas e jardineiras cheias de flores; consegue sentir o cheiro do café coado e ver uma pequena luz de sol que atravessa uma cortina de renda... Como isso foi idealizado, se não a partir das configurações daquela arquitetura? Bachelard (1993, p. 187) explica:

Para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito o prefigure em projetos. Mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença.

A CÂMARA ESCURA

Eu fico imaginando que, um dia, um chinês teve o mesmo impacto que eu tenho quando entro em uma câmara escura, e que talvez ele tenha pensado a ciência a partir disso, ou antes, e que eu penso a poesia desse processo. Mas onde é que está a poesia e o que ela faz? Eu penso que a poesia não faz nada aqui; ela simplesmente existe nesse processo que é poético, estético e lúdico. A poesia é todo esse brinquedo gigante, em que conseguimos entrar e ser engolidos pelo espanto.

No século V a.C., um filósofo chinês de nome Mozi foi o primeiro a reconhecer os princípios da câmara escura, e apenas no século IV a.C. o filósofo grego Aristóteles também o faria. O processo consiste na passagem de luz de um ambiente externo para um lugar escuro interno: através de uma pequena abertura ou furo, a imagem que atravessa o orifício é refletida de maneira invertida nas paredes do aposento. Por volta do século XVI, os pequenos furos foram substituídos por lentes, dando origem a imagens mais nítidas.

É possível construir pequenas câmaras escuras a partir de caixas pretas, em que um furo é feito e o observador pode encaixar o rosto de maneira que consiga ver as imagens invertidas dentro da caixa, sendo esse um aparato muito utilizado em escolas.



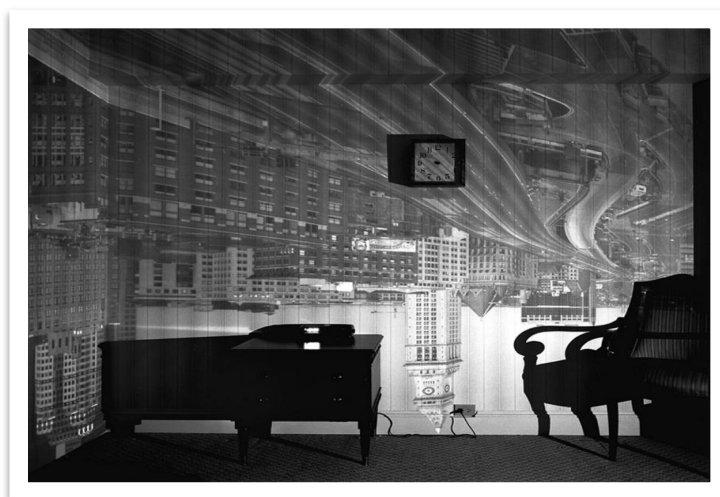
REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

A ideia deste artigo não é discutir a história da fotografia, mas sim o encantamento causado a partir do instante dessa descoberta, interessando mais neste momento quais sentimentos moveram Mozi diante dela e que mudanças, ou não, ocorreram nele a partir disso. Quero citar aqui o trabalho de Abelardo Morell, nascido em Cuba, artista que tem como um de seus mais reconhecidos trabalhos a construção de câmaras escuras em ambientes internos de locais com paisagens belíssimas, como podemos ver a seguir.

Figura 2 – Imagem em câmera obscura da velha Alfândega de Boston em um quarto de hotel (1999)



Fonte: Farias, 2013. Autor: Abelardo Morell, prata/gelatina • 51 x 61 cm • Bonni Benrubi Gallery, Nova York, EUA.

Neste artigo, além das imagens que surgem como um sonho e de cabeça para baixo, trazemos a metáfora sobre o que se tornou viver e sobreviver durante a pandemia de Covid-19, quando tivemos nossas vidas viradas de cabeça pra baixo e tentamos desesperadamente sobreviver diante de algo que não conhecíamos ou dominávamos.

Estar no que Bachelar (1993) chama de concha, protegidos do mal que assola o mundo, e ter o corpo mergulhado nestas imagens dentro da câmara escura é como rememorar a liberdade de caminhar nas ruas; é revisitar o espaço externo por alguns segundos e viajar nele com esse sentimento de paixão, como se estas imagens fossem esse “outro” que nos falta. Sobre essa relação entre corpo e imagem, Baitello Junior (2017, p. 91) nos aponta que:

Esse é um ponto central a ser compreendido na relação do corpo com a imagem. De alguma maneira, aqui se colocam corpo e imagem em uma relação de oposição. Quer dizer, o corpo se coloca contra a imagem e a imagem se coloca contra o corpo. Ao mesmo tempo, um se espelha no outro,

desejando-o. Este é um grande tema contemporâneo: a imagem é o outro corpo.

Durante a captação das imagens houve muitas conversas sobre o período pandêmico. Nestes espaços de tempo foram vivenciadas pequenas gentilezas que levaram à descoberta de que a qualidade do enclausuramento que vivemos foi determinante para a saúde mental que tentamos resguardar, e essa revelação deixou nítido como é precioso compartilhar afetos em tempos tão duros.

Ao experienciar a prática da câmara escura, que trouxe para dentro do aposento o espaço de fora, e ao vivenciar a emoção de imaginar como seria estar lá fora, sem máscaras, sem mortes, reconhecendo, ao mesmo tempo, o poder assustador da pandemia, é possível que alguns participantes tenham se sentido minimamente protegidos pela casa, vigilantes em sua fortaleza, ao mesmo tempo em que saborearam o instante.

Essa vivência particular e individual só pode se dar a partir do encontro com este lugar duplo que se tornou o aposento em que foi formulada a câmara escura, e é a partir deste arranjo que acontece a experiência do encantamento, que, embora possa ser vivenciada em grupo, é absorvida diferentemente por cada corpo participante, visto que cada pessoa tem uma história específica.

O aparato “câmara escura” sobrepôs dois lugares em um só. Ao mesmo tempo em que as imagens do mundo exterior foram experimentadas por quem estava no interior da câmara estas pessoas também foram devoradas pelas imagens e tornaram-se partícipes da obra, o que levanta a seguinte observação: a obra, sem as pessoas que a vão confrontar, não existe. Sobre isso, Baitello Junior (2017, p. 130) nos aponta que “Alimentar-se de imagens significa alimentar imagens, conferindo-lhes substância, emprestando-lhes os corpos. Significa entrar dentro delas e transformar-se em personagem” (recorde-se aqui a origem da palavra persona como máscara de teatro).

A autora, ao questionar a mãe e o pai sobre a experiência, ouviu repetidas vezes: “Muito bonito! Muito bonito!” Porém, o que estava sendo projetado era a rua e os prédios que eles conhecem há mais de 40 anos, e a admiração refletida em seus semblantes era a de um primeiro encontro com este lugar. Sobre essa reação, Sontag (2004, p. 128) afirma: “[...] a capacidade que a câmera tem de transformar a realidade em algo belo decorre de sua relativa fraqueza como

meio de comunicar a verdade”. Afinal, a paisagem do dia a dia tornou-se encantadora por meio do mecanismo da câmara escura, que a transformou, deslocando-a de lugar e dando-lhe um caráter excepcional: o vácuo dos prédios quadrados ganhou ares de segredo, como se, de repente, algo novo ainda pudesse ser encontrado.

O DEVANEIO

Perder-se no silêncio de um ambiente e estar concentrado nesse instante, distanciado da velocidade do cotidiano, aproximou as pessoas da experiência estética. A surpresa e o encantamento que se seguem ao verificar as imagens que se formam dentro do aposento correspondem a um arrebatamento e, por alguns segundos, as separam do habitual, transformando e ressignificando a arquitetura e tudo que está contido nela. Gumbrecht (2010, p. 132) analisa a experiência estética e refere-se a uma *disposição específica*, que seria o que nos prepara para esse instante: “Nesse caso, o súbito aparecimento de certos objetos de percepção desvia a nossa atenção das rotinas diárias em que estamos envolvidos e, de fato, por um momento nos separa delas”.

Na fotografia dentro dessas caixas pretas em que se transformaram os lugares, embora estejamos na cidade e isso possa supor a velocidade desenfreada e o barulho intenso, há um silêncio; existe a espera, o processo de feitura da câmara escura. Primeiro, retira-se a janela do seu lugar rotineiro, cobrindo-a por completo com um plástico preto; depois, a janela é reformulada em uma escala mínima através de um pequeno buraco no plástico, e assim tem-se o encantamento do que é cotidiano tornar-se novo, admirável, espantoso, como um quadro dentro do quadro em que a perspectiva nos faz adentrar. Segundo Belting (2015, p. 116),

O mundo é um mundo a ser visto e se abre ao olhar por detrás de uma janela simbólica. É justamente sob esse pano de fundo que se desvela a significação cultural do conceito de perspectiva. Somente alguém que se encontre à janela ou diante de uma porta é capaz de “ver através” (*durchschauen*).

Relacionar-se com a cidade e sua arquitetura também é construir identidade, movimentar afetos, desafiar os medos. Ivan (1953) citado por Careri (2013, p. 91), explica que: “Arquitetura é o meio mais simples de articular o tempo e o espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar”.

Esse devaneio poético se fez possível também porque algumas pessoas importantes do



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

círculo familiar da autora abriram suas portas para receber o projeto. Cito aqui: sua irmã Lúcia e duas sobrinhas, Alicia e Ana, no Imirim, Zona Norte; a mãe Maria, o pai Tião, a irmã Kátia e o irmão Laércio, na Cohab II, em Itaquera, Zona Leste; o irmão Maza, a cunhada Simone e o sobrinho Gustavo, na Cohab II, em Itaquera, Zona Leste; e a própria casa da autora, em Suzano, região do Alto Tietê – todos na cidade de São Paulo. Todas essas pessoas, exceto a autora, nunca haviam estado em uma câmara escura, ou sequer sabiam do que se tratava, o que tornou o instante do encontro com as imagens surpreendente.

Olhar a arquitetura de um lugar sem encantamento é como olhar a jiboia de *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, e ver apenas um chapéu.

A autora sente-se extremamente grata pela existência desses seres em sua vida e deseja profundamente ter causado alguma estesia em meio ao caos da pandemia, desencadeando algum sentimento em relação aos lugares em que vivem, assim como afirma Couchot (2018, p. 60):

O desencadeamento do prazer estético associado à sua variedade de estados afetivos dá início a uma atividade cognitiva mais complexa que resulta do tratamento da atenção: um *sentimento*, uma representação mental, fortemente subjetiva, que às vezes conduz a pensamentos explícitos, crenças, conceitos, julgamentos: *o sentimento estético*.

A/CASA/LAR

Minha história é de correr com as cabras numa casa grande...
 No batente da casa há uma mulher cozendo uma toalha...
 Eu ouço um grito:
 “CONFEITO”!!!
 Vêi Lixandre vem batendo uma madeira que faz muito barulho, não sei o nome disso...
 Ele é gordo e grande como o papai Noel, penso que ele é uma das minhas maiores alegrias infantis,
 porque tenho uma memória carinhosa dele...
 Eu vejo a casa, em volta têm árvores que ainda não estão secas, e o chão levanta muita poeira
 A cabra salta, acho que eu corro atrás dela...
 Isso é um gosto de quando eu tinha dois anos em Serra Talhada, Pernambuco.
 Essa é a casa do meu avô, apenas muitos anos depois eu soube disso.
 Não era um sonho, tudo existiu...
 Embora tenha esse gosto de nuvem dentro de mim,
 eu aprendi a ser feliz bem pequena...
 Lá na terra do lampião...

(Xicâ G. Lima, 2012)

Acasalar: cruzar, juntar, unir, copular... Ao brincar com esta palavra e sugerir a/casa/lar,



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
 Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

temos uma noção do que pode vir a ser uma casa que deixa de ser apenas um edifício para se tornar lar de alguém que vive toda a complexidade do ser e que reúne, neste lugar, os conceitos da sua identidade no mundo. Pallasmaa (2017) afirma que o lar não é um simples edifício ou objeto:

O lar não é um simples objeto ou edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memórias e imagens, desejos e medos, o passado e o presente. Um lar também é um conjunto de rituais, ritmos pessoais e rotinas do dia a dia (PALLASMAA, 2017, p. 18).

Então o que dizer da casa? Talvez valha pensar que esse elemento arquitetônico se assemelha a um universo em escala menor e particular, um segundo útero onde descansamos das fadigas do dia a dia, um berço para nossas inquietações e nossas alegrias, o lugar dos nossos afetos, o nosso canto no mundo, como afirma Bachelard (1993, p. 24): “Porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”.

A casa é, talvez, a nossa memória de afeto mais antiga. Quando adultos, é nela que nos tornamos crianças novamente, seguras no abrigo onde crescemos e para onde sempre retornamos, mesmo que apenas mentalmente.

Habitar, segundo Pallasmaa (2017), é um modo de nos relacionarmos com o mundo; nossa casa é a extensão de quem somos. A autora lembra que, aos 29 anos, após um relacionamento de 11 anos, no qual tinha determinado conforto, ao culminar a separação, teve que voltar para a casa dos pais. Na primeira noite, dormindo em uma cama beliche dividida com uma irmã, teve o sono mais tranquilo e reparador de muitos anos. Dormir na casa da mãe e do pai era estar segura novamente; era como respirar aliviada, de volta à pessoa que sempre foi.

A casa da infância é uma chance de retomar os planos, refazer as rotas, olhar com carinho para si mesmo. Essa casa contém todas as memórias de uma pessoa em transformação; é uma extensão do corpo que ali dorme, um segundo corpo de afeto, e esse corpo da casa é quem nos abraça quando estamos em conflito.

MÉTODO

A pesquisa se deu através da observação das imagens formadas dentro de uma casa, tendo um cômodo organizado com uma câmara escura, que suscitou reações e sentimentos atípicos percebidos no dia a dia pelos moradores da casa em contato com as figuras concretas.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

Em cada local foi eleito um cômodo com uma janela que pudesse ser totalmente coberta com plástico preto. Após inteiramente coberta a janela, foi confeccionado um furo no plástico com cerca de 2 cm de diâmetro. Só então os moradores da casa eram convidados a entrar no aposento escuro e aguardar que as imagens fossem refletidas. Com uma câmera fotográfica digital, eram registradas as cenas que se formavam nas paredes e tetos e, em alguns momentos, a figura das pessoas que ali estavam.

RESULTADOS – DIÁRIO DA XICA

Dia 14/05/2021 – Iniciei a realização do projeto com um teste na casa em que moro. Utilizei uma janela pequena que está direcionada para o quintal. Primeiro, forrei a janela com papel preto e plástico; depois, fiz um recorte circular no papel de aproximadamente 4 cm de diâmetro. O resultado foi um encantamento. Surgiram as roupas no varal do quintal e alguns prédios que já rodeiam a casa antiga, na iminência de uma outra arquitetura. A luz que, teimosa, vira tudo de cabeça pra baixo, como que dizendo: “Agora, vai; reorganiza”.

Dia 18/05/2021 – Hoje fiz a câmara escura em um apartamento no 7º andar de um prédio no Imirim, Zona Norte de São Paulo, onde minha irmã mora com duas filhas. O aparelho foi elaborado a partir da janela do quarto das minhas sobrinhas Ana e Alicia, que ficaram conosco no quarto e amaram a experiência; foi muito lindo compartilhar isso com elas. Minha irmã Lúcia fez o almoço, e conversamos durante a refeição; fazia mais de um ano que não as visitava devido à pandemia. Nesse tempo de experiência no quarto escuro, quase um útero, nos reconectamos através de pequenos gestos, nos permitimos o espanto fantasmático da imagem projetada, e neste lugar nossa câmara escura esteve repleta de afeto.

Dia 19/05/2021 – Hoje arranjei a câmara escura na janela da sala de casa. Tive que cobrir a porta de vidro da sala ao lado para vedar bem a luz. Tentei filmar o movimento dos carros na rua refletidos dentro da sala, mas devido à falta de técnica não foi possível fazer a captação em vídeo. Captei o jardim da janela da sala de Dona Norma, refletido na máquina de costura. Esta senhora foi a antiga moradora da casa, e eu a conheci apenas na despedida deste plano; durante mais de 40 anos habitou este lugar. Quando vim para este lar, tudo estava um pouco abandonado, como se a própria casa me esperasse chegar. Aqui encontrei o amor, o jardim, os bichos e a delícia de ver a mudança de clima através das grandes portas e janelas. A casa está viva, e de algum lugar Dona Norma sorri.

Dia 27/05/2021 – Hoje a câmara escura foi disposta na casa da minha mãe, um



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

apartamento no 4º andar. Organizei com minha irmã a cobertura da janela em um dos quartos, depois chamei minha mãe e pedi para ela se sentar na cama e esperar. Fechamos a porta e, quando as imagens começaram a surgir, a carinha da minha mãe, de 83 anos, transformou-se no rosto de uma criança; tinha a admiração do novo, daquilo que não se conhece, mas pelo qual se enamora. Ela era a própria experiência estética. Alguns minutos depois, meu pai, curioso, pediu para entrar, fez muitas perguntas e logo disse: “Ah! É igual àquelas máquinas de lambe de antigamente!” e sorria. Minha irmã começou a fotografar com o celular e, em alguns momentos, a luz vermelha interferiu na minha captura, e eu incorporei essa luz a alguns registros. Neste ambiente dos meus primeiros afetos, dentro e fora ocupam, por alguns instantes, o mesmo lugar: a casa onde cresci, onde enfrentei os meus fantasmas, onde a adolescência me açoitou com as angústias pertinentes. Aqui é o lugar de onde eu surgi como pessoa para o espaço da cidade; este é meu lugar no mundo.

Dia 31/05/2021 – Hoje fiz a câmara escura na janela do quarto do meu irmão Maza e da minha cunhada Simone, um apartamento no 2º andar de um prédio na Zona Leste. Assim que cheguei, meu irmão me perguntou onde estava a *pinhole* que eu falei que ia usar para fotografar lá, e eu disse que ainda íamos fazer. Ele ficou curioso e disse: “Eu estou vendo você com essa câmera robusta (Nikon D90), e eu sei que a *pinhole* que você faz é numa caixinha de fósforos, porque eu já vi você fazer! Cadê a caixinha?”. Eu ri e expliquei que ele ia me ajudar a fazer. Fomos para a janela, ele me ajudou a forrar com o plástico, minha cunhada foi fazer um café. Ao fecharmos a porta do quarto, as imagens foram surgindo, e eu comecei a dizer: “Olha!” Meu irmão ficou confuso e dizia: “Como?!”. Nós rimos muito e ficamos ali, olhando os lugares que se fundiam em um só: a paisagem de fora invadia este lugar de abrigo que é o quarto. De repente, era como se nós fôssemos crianças novamente, e eu apenas agradeci.

Essas errâncias com as pessoas do meu convívio foram essenciais no processo da busca pelo encantamento, esse sentimento muitas vezes perdido durante a pandemia e que eu insisto em conservar para multiplicar. Nessa busca de tornar os dias melhores, é possível fazer com que outras pessoas tenham essa experiência e sintam-se contempladas com algum afeto no meio do caos instalado. Talvez seja possível estender as percepções particulares de determinado acontecimento, socializando e reverberando algo que de alguma maneira atingiu um corpo de maneira positiva, para que isso não seja uma exceção, e emocionar-se passe a ser uma regra.

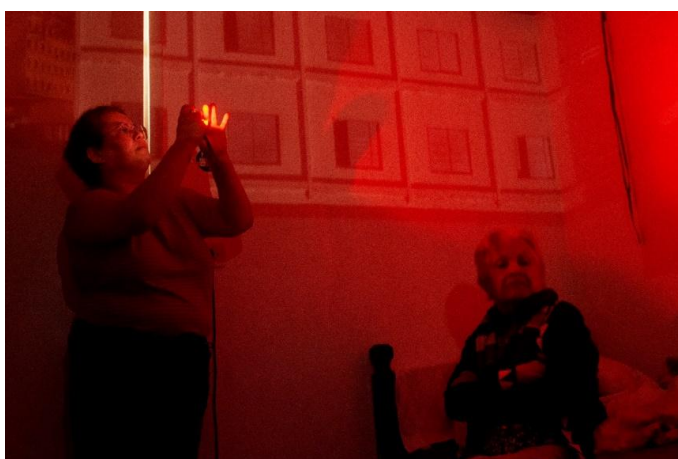
Feitas estas considerações, apresenta-se a seguir o olhar encantado da autora sobre estes

lugares de afeto, as pessoas que os habitam e a arquitetura que os circunda.

A CASA: ARQUITETURA DO AFETO, UMA EXPERIÊNCIA HUMANA³



Eu sou o barro que inunda as casas em tempo de ventania...



Deixa-me ser transporte de um vinho que não é de frutas.

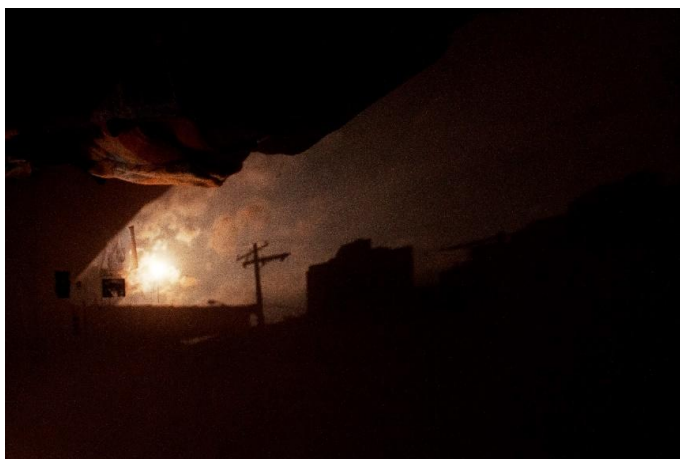
³ Nesta parte do artigo não foi adotada a regra usual das legendas, com numeração das figuras e indicação das fontes e autoria, para enfatizar a dimensão artística das imagens.



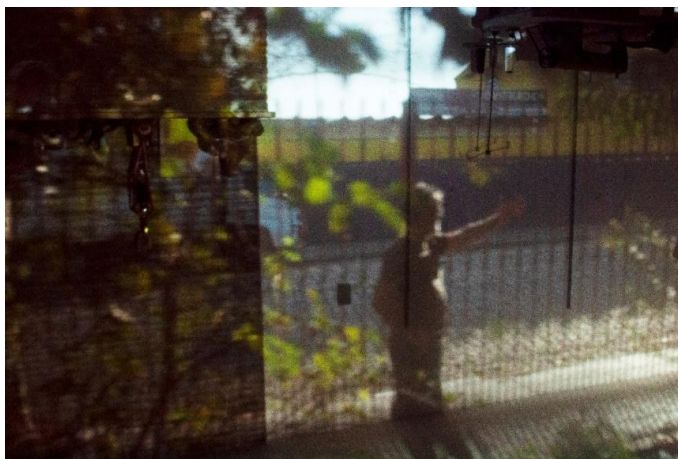
Quantos livros te disseram que o silêncio é amor?



Nada está para ser eterno, tudo são passagens...



A poesia das coisas, quem conta?



Quando as fadas brincam no nosso jardim, é de você que falamos...



Não existo mais em um mundo de coisas, sou o eco da colmeia que os anjos construíram.



Minha sobrinha disse: “Tia, me ensina um sonho”.



O pai, encantado com a vida toda, tinha feito um mar nos olhos.



Aos domingos, uma música de anjos acorda o mundo.



Eu hei de encontrar o absurdo de cada dia e me encantar...



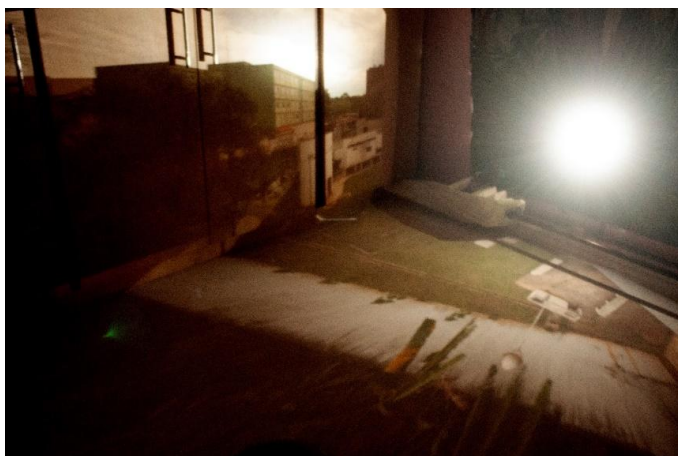
Esta é nossa viagem diante do abissal.



Que a vida nos seja leve, como o sopro divino que nos lançou neste lugar...



É preciso horas a fio de nada fazer...



Dentro deste ninho voltamos a ser do ar...

Vídeo produzido pela autora em decorrência da elaboração do projeto, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dNb5A9c8q4>

CONCLUSÃO (OU: ABERTURA PARA OUTRAS JANELAS)

O artigo traz o efêmero como uma questão também para o encantamento. Em cada casa foi elaborada uma câmara escura que, logo em seguida, não estaria mais lá. Cada lar teve uma visão diante do que se formou dentro da câmara, e essa visão desapareceu logo que foram retirados os plásticos escuros das janelas – as mesmas janelas que, segundo Pallasmaa (2017), estão configuradas como nossos olhos, estes que guardam a capacidade do espanto.

A ideia fundamental é que algumas pessoas tenham sido afetadas, em algum momento, a partir do encontro com a arquitetura cotidiana, com este lugar a que estão habituadas no dia a dia, e que surgiu de maneira poética dentro dos aposentos, de modo que esse encontro fugaz possa reverberar de maneira duradoura em cada uma delas.

Na busca de alguma imagem que desse conta deste projeto, houve encontros muito ricos, e a conclusão a que cheguei é de que a arquitetura só existe porque eu faço parte deste espaço e construo estes lugares enquanto caminho. O meu corpo movimenta o corpo da cidade, e, em contrapartida, a cidade também me anima.

É elaborando reflexões a respeito de conceitos entre lugar e espaço, e a partir de alguns teóricos, que consigo organizar pensamentos e entender um pouco da configuração urbana, enxergando como a cidade me olha e me modifica em um movimento que é cíclico, e como ambas participamos na construção das nossas identidades.

Depois dessas errâncias e de encontros tão preciosos, não importam mais os aparatos, nem quais imagens são estas. As experiências observadas e vividas durante esse mergulho no escuro fizeram com que algo intangível viesse à tona; a magia aconteceu em algum lugar impossível de descrever, neste ou em qualquer outro texto. A magia do encontro valioso não é passível de reprodução material, posto que está para além da fisicalidade: “Experimentar um lugar, um espaço ou uma casa é um diálogo, uma espécie de troca; eu me posiciono no espaço e o espaço se acomoda em mim” (PALLASMAA, 2017, p. 98).

Tudo que foi dito aqui pode e deve ser aprofundado em outro momento. Este artigo é uma janela por onde é possível observarmos algumas coisas, mas não todas. Deixo aqui alguns segredos necessários para que o caminho siga acontecendo e as surpresas sigam nos enchendo de vida. E você? O que vê a partir desta janela?

REFERÊNCIAS

- ARROYABE, Maria Luísa Amigo Fernández de. **Ócio estético valioso**. São Paulo: Edições SESC, 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2017.
- BELTING, Hans. A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre Oriente e Ocidente. In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 115-137.
- CAEIRO, Alberto. **O guardador de rebanhos**. Lisboa: Ática, 1946.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- COUCHOT, Edmond. **A natureza da arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- FARIAS, Flaubi. Abelardo Morell e a Câmera Escura. **La Parola**, 29 de julho de 2013. Disponível em: <https://laparola.com.br/abelardo-morell-e-a-camera-escura>. Acesso em: 28 jun. 2022.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

GUMBRECHT, Hans. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

LIMA, Francisca Joelma Gonçalves. **A CASA: arquitetura do afeto, uma experiência humana**. YouTube, 02 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dNb5A9c8q4>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3
Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479